

## HISTÓRIAS SOBRE O CONVÍVIO COM A DOENÇA DE ALZHEIMER: CONTRIBUIÇÕES DA NOÇÃO DE REFERENCIAÇÃO PARA A ANÁLISE DE NARRATIVAS NO CONTEXTO DE INTERAÇÕES DE UM GRUPO DE APOIO

CAIO MIRA\*  
ANDERSON CARNIN\*\*

**RESUMO:** A Doença de Alzheimer é uma síndrome demencial que altera processos neurológicos, cognitivos e interacionais. Desinformação, falta de preparo e apoio aos familiares são alguns fatores que complicam ainda mais as formas de compreensão e enfrentamento no convívio e na rotina de cuidados às pessoas acometidas por essa patologia. Diante desse panorama, existem Grupos de Apoio que promovem a socialização de informações e oferecem um espaço no qual os familiares cuidadores podem compartilhar as experiências de cuidado e convívio com pessoas portadoras da Doença de Alzheimer. É a partir desse domínio empírico que o presente trabalho objetiva demonstrar como as estratégias referenciais estão envolvidas nos níveis de posicionamento do narrador e personagens dentro do universo narrativo em uma situação de interação de grupo. Para tanto, por meio de pesquisa qualitativa, a metodologia desse trabalho é baseada nos princípios da análise da narrativa de Bamberg (1997), de Georgakopoulou (2007) e na noção de referenciação de Mondada e Dubois (2003). Os resultados de nossas análises demonstram que a noção de referenciação pode contribuir para uma investigação mais apurada dos aspectos textuais e interativos de narrativas que são contextualizadas em uma determinada situação de fala.

**Palavras-chave:** Doença de Alzheimer; narrativa; referenciação.

**ABSTRACT:** Alzheimer's disease is a dementia syndrome that alters neurological, cognitive and interactional processes. Disinformation, lack of preparation and support for family members are some factors that complicate even more the ways of understanding and facing in the conviviality and routine of caring for people affected by this pathology. Given this scenario, there are support groups that promote the socialization of information and offer a space where family caregivers can share the experiences of caring and living with people with Alzheimer's disease. It is in this empirical domain that the present work aims to demonstrate how the referential strategies are involved in the levels of positioning of the narrator and characters within the narrative universe in a situation of group interaction. For this, through qualitative research, the methodology of this work is based on the principles of the narrative analysis of Bamberg (1997), Georgakopoulou (2007) and the notion of referential processes of Mondada (2003). Our results shows that referential processes notion can contribute to an analysis that brings together textual and interactive aspects of narratives that are contextualized in a given situation of a speech situation.

**Keywords:** Alzheimer's disease; narrative; referential processes.

---

\* Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul (RS), Brasil. [cmira@unisisinos.br](mailto:cmira@unisisinos.br)

\*\* Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul (RS), Brasil. [acarnin@unisisinos.br](mailto:acarnin@unisisinos.br)

## INTRODUÇÃO

O que o ato de contar uma história revela? Como uma história é contada? Qual o sentido de contar histórias? Provavelmente, essas perguntas devem ter guiado os interesses de pesquisadores de campos de conhecimento como a Antropologia, a Psicologia, as Ciências Sociais, a Medicina, a Literatura e também a Linguística. Quanto a esse último campo, nos últimos 50 anos, a análise das narrativas tem se constituído um *locus* de análise linguística que nos permite investigar tanto os seus aspectos formais, estruturais e textuais, quanto também o papel que essa produção discursiva exerce no contexto da interação face a face.

Analisar as narrativas não é somente sistematizar a recorrência de recursos linguísticos que compõem suas estruturas, mas também é, sobretudo, compreender como recriamos situações, personagens e relações que representam momentos já vividos e projetam identidades e discursos sociais que são contextualizados na interação. Em decorrência da variedade, tipos e formas de histórias, o ato de narrar apresenta diversas configurações e características. As narrativas ocorrem dentro de um contexto interativo específico que ora complementam-se, ora opõem-se para o nosso entendimento do ato de narrar (FLANNERY, 2011). O objetivo do presente trabalho é demonstrar como as estratégias referenciais estão envolvidas nos níveis de posicionamento do narrador e personagens dentro do universo narrativo em uma situação de interação de grupo.

Um dos pontos norteadores do objetivo do presente texto é a especificidade das interações conversacionais em grupo e, sobretudo, a relevância social de Grupos de Apoio (GA) aos familiares e cuidadores de pessoas acometidas pela Doença de Alzheimer (DA). A contribuição que análises dessa natureza pode proporcionar não é somente uma melhor compreensão dos fenômenos textuais-interativos da narrativa, mas também a socialização, a partir das narrativas de familiares de pessoas com DA, do convívio com uma condição de saúde complexa e pouco discutida em nossa sociedade.

Do ponto de vista neuropsicológico, a Doença de Alzheimer é uma síndrome demencial que corresponde a dois terços das demências diagnosticadas em idosos (IZQUERDO, 2002). Trata-se de uma doença progressiva que afeta processos cognitivos, mnêmicos, linguísticos, práticos e gnósticos. Caracteriza-se pela hipersecreção de uma proteína chamada *Beta-Amilóide* por neurônios afetados. Essa proteína é produzida normalmente pelas células nervosas, porém, na patologia, isso ocorre de forma exagerada, causando vacúolos de tamanho crescente fora das células neuronais que, ao se juntarem, determinam a morte dos neurônios que as rodeiam. Há outros fatores que também estão envolvidos no desenvolvimento da DA. De acordo com Sé (2011), os fatores genéticos, a vulnerabilidade social, o envelhecimento não saudável, o histórico de acidentes vasculares cerebrais, traumatismos cranianos e depressões crônicas ou não tratadas compõem uma gama de variáveis que influenciam o surgimento da DA.

A DA não altera apenas estruturas neurológicas e funções mentais variadas, mas, principalmente, as relações entre linguagem e interação. Isso faz com que não apenas funções mentais sejam alteradas isoladamente, mas toda a organização

simbólica das práticas sociais cotidianas nas quais os indivíduos se envolvem. Dentre essas práticas sociais afetadas pela DA, talvez a conversa cotidiana seja o primeiro sinal de declínio das funções neurológicas e cognitivas. Em termos linguísticos, na maior parte dos casos, os sintomas iniciais da DA são: a anomia, o comprometimento da comunicação verbal, o acesso lexical, o uso de estruturas sintáticas simples ou truncadas e a dificuldade de manter a fluência na linguagem durante as interações cotidianas. Conforme o avanço do quadro, ocorrem problemas de natureza semântico-pragmático que prejudicam a produção e a compreensão discursiva (SÉ, 2011).

Não é preciso estender o quadro sintomático da DA para constatar que as relações sociais do indivíduo acometido pela patologia, e também das pessoas próximas a ele, são afetadas diretamente. Desinformação, falta de preparo e apoio são alguns fatores que complicam ainda mais esse quadro. Diante desse panorama, em relação aos impactos da DA:

novos discursos e novas práticas sociais surgem em uma sociedade na qual a perda da memória e da cognição humana têm implicações de diversas ordens. Constroem-se outros discursos científicos, além do biomédico, e cotidianos sobre a demência e sobre o envelhecimento, sobre normal e patológico; novas formas de organização da sociedade são criadas para integrar a categoria “portador de Alzheimer”, como novas instituições para idosos com neurodegenerescência, associações para cuidadores e familiares e novas categorias como “cuidador”, “tutor”, “Alzheimer jovem”, “familiar de um Alzheimer”, “familiar Alzheimer” (CRUZ, 2008, p. 45).

É justamente uma das novas formas de organização da sociedade para lidar com a realidade da DA que será analisada no presente artigo. Vale ressaltar que as formas de lidar com a DA vêm se intensificando nos últimos anos. O envelhecimento da população mundial é um fenômeno real que demanda planejamento de políticas públicas de saúde, de sustentabilidade financeira dos sistemas previdenciários e, especialmente, a criação de condições que promovam a funcionalidade, a autonomia e o cuidado aos idosos. Levando em conta a complexidade desse quadro na realidade brasileira, existem dados que demonstram o visível aumento da população idosa no País. Veras (2009) demonstra que entre o período de 1960 a 1975 o tamanho da população idosa no Brasil mais que duplicou, passando de três para sete milhões de indivíduos. Ainda segundo o mesmo autor, o número de idosos no país em 2008 era de 20 milhões. Projeções indicam que em 2020 o Brasil será o sexto país mais idoso do mundo, com uma população superior a 30 milhões de pessoas (CARVALHO; GARCIA, 2003).

A definição de DA, geralmente amparada em um modelo estritamente neurológico, e uma ideia de que a patologia acomete de forma predominante a população idosa, contribui para avaliações e diagnósticos que não levam em conta relações entre linguagem, cognição e práticas sociais inerentes às mais diversas ações humanas (SÉ, 2011). Apesar da prevalência desse modelo, existem perspectivas que buscam compreender a patologia sob um enfoque sociocognitivo, funcionalista e interacionista (BALLENGER, 2006). As possibilidades de uma abordagem que considera os processos cognitivos em sua dimensão social e

cognitiva promovem a compreensão de que a DA não é uma doença situada apenas no âmbito neurológico. Nesse sentido:

a chave para compreensão da DA não parece estar (apenas) no cérebro ou nas estruturas neurológicas. Se a DA afeta a cognição humana e a cognição não se constitui apenas de fatores biológicos, um modelo biomédico sozinho dificilmente daria conta de tudo o que envolve uma patologia como a DA. Uma crítica ao modelo biomédico da DA representa ao mesmo tempo uma crítica ao paradigma cognitivista e à visão de mente reduzida ao que é cerebral. Nas palavras de Lock (2006, p. 23), as lacunas deixadas por esse modelo “sugerem fortemente que as demências só serão melhor explicadas quando se levar em consideração o sujeito incorporado e pensante, que tem uma história de vida única inserida em contextos socioculturais específicos.” (CRUZ, 2008, p. 31-32).

Ainda que haja um movimento de compreensão da DA em direção a uma abordagem multifatorial e sociocognitiva, os modelos vigentes para o diagnóstico e avaliação dessa patologia estão ancorados, em sua maior parte, em uma base biomédica. Esse quadro reforça as dificuldades com que familiares se deparam ao receberem o diagnóstico de Alzheimer. O convívio com essa realidade, muitas vezes desconhecida ou percebida como as consequências de uma doença cerebral, provoca a desestabilização das relações da pessoa acometida pela patologia com seus familiares mais próximos. É nesse contexto que surge a necessidade de espaços que fomentem a compreensão da DA e de suas formas de enfrentamento e cuidados a partir de um ponto de vista que considere a patologia diante de suas várias abrangências, tais como a sua natureza multifatorial e as dificuldades do convívio cotidiano.

## 1. DUAS ABORDAGENS PARA A ANÁLISE DAS NARRATIVAS

No escopo do presente trabalho, apresentaremos duas abordagens para a análise das narrativas: o trabalho seminal de Labov e Waletzky (1967), que apresentou a estrutura considerada canônica do texto narrativo, e a perspectiva das pequenas histórias, preconizada por Georgakopoulou (2007) e De Fina e Georgakopoulou (2012).

Inicialmente, o interesse pelas narrativas, no campo de estudos da linguagem, ocorreu em função da investigação do fenômeno da variação linguística. Com o objetivo de obter o registro da fala vernacular com o menor grau de monitoramento dos falantes, Labov, na década de 1960, constatou que na geração de dados, em situações de entrevista face a face, a figura do pesquisador influenciava no estilo de fala dos entrevistados. Consequentemente, o monitoramento da fala não permitia obter dados para a análise e descrição do vernáculo, a forma linguística adquirida primeiramente, perfeitamente apreendida e usada pelos falantes de uma determinada comunidade. Tal constatação se consolidou como um dos clássicos problemas da sociolinguística: o paradoxo do observador (LABOV, 1997).

Para tentar solucionar o paradoxo do observador, Labov desenvolveu uma metodologia de estímulo às narrativas do cotidiano no contexto de entrevista face a face. O tópico da conversa utilizado para propiciar um contexto que o

falante monitorasse menos sua fala era o de relatos de risco de vida. O falante, ao narrar experiências pessoais, recordaria situações e eventos que promoveriam uma despreocupação temporária com a forma da produção linguística ou com a presença do pesquisador (FLANNERY, 2011). A pergunta que desencadeava as narrativas era: *Alguma vez você já esteve em uma situação em que sua vida estava em risco?* A partir da identificação das estruturas recorrentes das narrativas desse tópico, Labov e Waletzky (1967) desenvolveram um modelo de análise linguística do texto oral narrativo. As regularidades estruturais no ato de reportar eventos dos passados são formas discursivas privilegiadas que têm um papel central em grande parte das conversas cotidianas, sendo um protótipo evento de fala bem formado com um começo, um meio e um fim (LABOV; WALETZKY, 1967; LABOV, 1997).

É importante salientar que o modelo criado pelos autores foi concebido para o contexto de entrevista sociolinguística clássica, ou seja, situações de diálogo dirigido entre o informante e entrevistador. No enfoque laboviano, as narrativas são textos orais extensos, que ocupam turnos maiores e recapitulam eventos passados da experiência pessoal marcados pela presença de componentes sintáticos específicos (FLANNERY, 2015). De maneira simplificada, expomos a seguir a estrutura do modelo da narrativa laboviana (LABOV; WALETZKY, 1967):

*Resumo:* definição do tópico que será desenvolvido durante a narrativa pelos narradores.

*Orientação:* informações que contextualizam o universo da história (personagens, tempo e lugar).

*Orações de complicação:* orações que constituem o relato aos eventos passados.

*Avaliação:* percepção dos falantes a respeito da relevância dos eventos narrados.

*Resolução:* conclusão dos eventos narrados.

*Coda:* reinserção dos eventos narrados no tópico da interação no tempo presente.

Ainda que o modelo Labov e Waletzky (1967) tenha sido alvo de inúmeras críticas, sendo as principais a falta de atenção ao processo interacional das narrativas e a desconsideração do contexto discursivo em que emergem as narrativas, o seu legado possibilitou o desenvolvimento de outras abordagens para a compreensão dos aspectos linguísticos, interacionais e discursivos das narrativas (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012). Após trinta anos da publicação de seu artigo, Labov, em um ensaio de 1997, considera que as narrativas analisadas em seu modelo eram fragmentadas e monológicas, admitindo que o estudo desse texto oral requer perspectivas analíticas diferentes. A diversidade do texto narrativo produzido em contextos interacionais cotidianos demanda perspectivas teórico-metodológicas que abarquem fatores intrínsecos da narrativa, tais como: a participação da audiência, as escolhas discursivas e processo conjunto de construção de sentido e variabilidade das formas e estruturas da narrativa.

Outra perspectiva para a análise da narrativa é baseada no papel que esse tipo de evento discursivo desempenha na interação face a face. Diferentemente do postulado laboviano, que procura identificar no texto narrativo a sua estrutura, o contexto da narrativa é o cerne em análises que buscam compreender as relações entre os elementos linguísticos e os processos de construção de sentidos

e de identidades envolvidos tanto na história, quanto no evento interativo. Nesse sentido, a narrativa não é o único elemento da interação a ser analisado, mas a multiplicidade de formas que pode assumir segundo as demandas interacionais.

Baseadas no princípio de que a narrativa é um evento de fala-em-interação, De Fina e Georgakopoulou (2012) definem que a abordagem das pequenas histórias tem o objetivo de propiciar recursos analíticos que explorem a diversidade narrativa em contextos cotidianos e a participação da audiência durante o ato de contar histórias. As autoras enfatizam a necessidade de considerar esses fatores para demonstrar a complexidade dos papéis dos falantes durante a interação e a forma como a audiência influencia na mudança de posicionamento dos participantes do mundo da história. Mais do que ser uma forma de uso da linguagem ou de outro processo simbólico, as narrativas desmistificam e estabelecem a coerência entre o passado, o presente e os fatos ainda não realizados (OCHS; CAPP, 2001). Esse tipo de texto oral constitui uma das atividades humanas mais ubíquas das interações que estabelece a relação entre as ações e fatos que podem ocorrer no presente passado e futuro.

A abordagem das “pequenas histórias” desenvolvida por Georgakopoulou (2007) conjuga alguns postulados da Sociolinguística Interacional e da Análise da Conversa Etnometodológica para compreender narrativas que não necessariamente apresentem todas as estruturas do cânone laboviano, as chamadas “grandes histórias”, e que sejam contextualizadas dentro da interação e não só especificamente no momento do ato de narrar. O cerne da abordagem das pequenas histórias é o reconhecimento do pluralismo, da heterogeneidade e da coexistência das narrativas, sejam elas grandes ou pequenas, no mesmo evento interativo. Dessa forma, são considerados no escopo de análise:

Non or multi-linear unfolding events sequenced in further narrative-making, not linear sequencing of past events;

Emphasis on world-making, i.e., telling of mundane, ordinary, everyday events, not world-disruption and narration of complications;

Emphasis on detachability and recontextualization of a story, not its situatedness in a specific environment;

Co-construction of a story's point, events, and characters between teller and audiences, rather than sole responsibility resting on the teller. This frequently makes story ownership complicated (GEORGAKOPOULOU, 2015, p. 260).

O maior contraste entre a abordagem das pequenas histórias e o estudo de 1967 de Labov e Waletzky reside no fato do contexto em que a narrativa é gerada e, posteriormente, analisada. Ao contrário da entrevista sociolinguística, em que previamente o tópico que estimula a narrativa é desencadeado pelo entrevistador, a abordagem das pequenas histórias considera que as narrativas são moldadas e administradas no contexto da interação, sendo construídas pelo posicionamento do narrador e dos personagens no universo narrativo e também pelas reações dos interagentes que compõem a audiência da narrativa. As análises sob o prisma das pequenas histórias tomam a perspectiva êmica como complemento à perspectiva ética. Em outras palavras, o ponto de vista dos participantes da interação e suas ações pragmático-discursivas na orientação da história são levados em consideração

juntamente com a perspectiva externa do analista (GEORGAKOPOLOU, 2007; BAMBERG; GEORGAKOPOULOU, 2008). Essa nova forma de analisar o texto narrativo permite a abordagem de histórias que não se enquadram às estruturas narrativas identificadas por Labov e Waletzky (1967) na entrevista sociolinguística.

Neste trabalho, acreditamos que a perspectiva das pequenas histórias nos possibilita abarcar o texto narrativo em uma dimensão mais aprofundada como evento contextualizado interativamente nas dimensões da incorporação e da emergência. Essas duas dimensões nos possibilitam compreender como narrativas fazem parte de um determinado enquadramento discursivo e a utilização de recursos linguísticos que configuram a construção do universo narrativo nas perceptivas do narrador e da audiência.

## 2. A NOÇÃO DE REFERENCIAÇÃO

A perspectiva textual-interativa e a noção de referenciação podem agregar às pequenas histórias um enfoque mais abrangente dos elementos textuais envolvidos na construção da história e no posicionamento de narradores e personagens em narrativas que emergem em um contexto interacional marcado pela singularidade de ser um espaço de compartilhamento de experiências de familiares de pessoas acometidas pela Doença de Alzheimer. A referenciação é um fenômeno de natureza semântico-discursiva em que é possível observar a emergência de processos de significação que evidencia as relações entre linguagem, cognição e interação.

Essa noção representa um deslocamento da clássica questão da referência, por considerar que os processos semânticos não são frutos apenas de uma relação entre as palavras e as coisas, que a construção de referentes no discurso não ocorre somente pela seleção de objetos definidos *a priori* do uso da linguagem. Pelo contrário, é durante o desenvolvimento da atividade discursiva que emergem os objetos a que o próprio discurso remete (MONDADA; DUBOIS, 2003). Os “objetos de discurso não preexistem naturalmente à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos – fundamentalmente culturais – desta atividade” (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995, p. 134).

Os objetos de discurso são constituídos na e pela atividade interativa, seja ela por meio de textos escritos, orais ou na conversação face a face, sendo dinâmicos e passíveis de serem (re) configurados semântica e discursivamente. De acordo com Mondada (1994 *apud* KOCH, 2004, p. 79), o objeto de discurso:

caracteriza-se pelo fato de construir progressivamente uma configuração, enriquecendo-se com novos aspectos e propriedades, suprimindo aspectos anteriores ou ignorando outros possíveis, que ele pode associar com outros objetos ao integrar-se em novas configurações, bem como articular em partes suscetíveis de se autonomizarem por sua vez em novos objetos. O objeto se completa discursivamente.

A noção de objeto de discurso rompe com a concepção de que a linguagem é apenas uma forma de nominalizar, de “etiquetar” os objetos no mundo, por situar

a linguagem e as atividades de significação como uma atividade cognitiva e social que constitui a realidade humana. Conforme Koch (2008, p. 101), “os objetos de discurso são dinâmicos, isto é, uma vez introduzidos, vão sendo modificados, desativados, reativados, recategorizados, de modo a construir-se ou reconstruir-se o sentido no curso da progressão textual”. Em consonância com a perspectiva textual-interativa, a autora acrescenta que a referenciação tem sido entendida como uma atividade discursiva, ou seja, como um processo constituído na atividade discursiva e que resulta na construção de objetos de discurso, elementos cruciais na produção dos sentidos do texto.

Dessa forma, o ato de referenciar e a construção de objetos de discurso constituem uma ação interativa que é protagonizada pelos interactantes à medida que vão elaborando o discurso. Os referentes são gerados no interior do discurso, introduzidos, conduzidos, retomados, identificados no texto, modificando-se à medida que o discurso se desenrola, por meio de estratégias específicas de referenciação (JUBRAN, 2006).

### 3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Grupo de Apoio (GA) constitui um espaço de convivência e troca de experiências de familiares e cuidadores a respeito do cotidiano vivenciado com uma pessoa com Doença de Alzheimer (DA). O objetivo é oferecer a oportunidade de socialização de informações e ser um lugar em que os familiares cuidadores possam compartilhar as experiências de cuidado e convívio com pessoas portadoras da DA. A troca de experiências dos familiares tem o intuito maior de esclarecer dúvidas a respeito da patologia para superar dificuldades e descobrir novas formas de lidar com o novo cotidiano desencadeado pelos sintomas, diagnósticos e cuidados requeridos pela DA.

Nesse sentido, o GA proporciona um ambiente no qual os familiares encontram outras famílias que passam pela mesma situação. Isso favorece a discussão conjunta de estratégias que minimizem o sofrimento e garantam maior qualidade de vida, tanto para quem exerce o papel de cuidador, quanto para o familiar com DA que é assistido. Os membros do GA são familiares próximos de portadores de Alzheimer e que, geralmente, desempenham o papel de cuidador. Além dos familiares, o grupo é liderado por um médico neurologista que orienta as reuniões, introduzindo tópicos, instigando o compartilhamento de experiências e esclarecendo formas de intervenção terapêuticas.

Os encontros são mensais e têm duração de aproximadamente três horas. Cabe destacar que GA é organizado de forma voluntária por um médico neurologista, que conduz as atividades há cerca de 12 anos em uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Apesar de ser organizado pelo médico neurologista, o GA é uma iniciativa sem vínculos institucionais, tendo inclusive sua sede física em lugares cedidos para abrigar as reuniões mensais.

Os dados analisados neste trabalho são oriundos de um *corpus* de 24 horas de gravações, que compreende oito encontros do GA. Durante a geração

dos dados, houve a presença dos pesquisadores para a observação *in loco* das dinâmicas interativas e a elaboração de notas que serviram como um instrumento auxiliar na etapa de seleção e análise dos dados. Após a etapa de geração dos dados, procedemos à observação das gravações para a constituição do *corpus* e a identificação da configuração interativa dos encontros. A categoria analítica utilizada para a identificação da configuração interativa dos encontros é a noção de enquadre de Tannen e Wallat (1987; 2002), que delimita os momentos da interação em que os participantes percebem qual o tipo de atividade é desenvolvido no curso da interação e, a partir dessa identificação, orientam a sua atuação para dar forma e sentido àquilo que dizem nas situações interativas em grupo.

A estrutura interativa dos encontros é dividida em dois momentos. O primeiro deles consiste em pequena palestra informal em que o médico aborda o funcionamento do cérebro (plasticidade cerebral, a perda de neurônios, a proteína *Beta-Amiloide*, etc.) os quadros demenciais, os sintomas de algumas demências e do Alzheimer e os avanços da medicina para o tratamento dessas patologias. O segundo momento é marcado pelo relato dos familiares a respeito das dificuldades enfrentadas no convívio com o Alzheimer. O médico neurologista solicita que os integrantes do GA tomem a palavra e narrem as situações vividas com seu (s) familiar (es).

Os tópicos dessas narrativas, na maior parte das vezes, estão relacionados à mudança comportamental da pessoa com DA, ao novo cotidiano da família após o diagnóstico e às estratégias de cuidado. Os dados transcritos abaixo são excertos de narrativa de Esther (E)<sup>1</sup>, esposa de Lúcio (L), um senhor que sabe de seu diagnóstico há cerca de um ano. O tópico predominante da narrativa é a relação da família de Lúcio com essa realidade. Durante a narrativa de Esther, João (J), o médico neurologista do grupo, realiza proposições a respeito do comportamento de Lúcio, que é narrado por Esther, e das atitudes de sua família.

O sistema de notação utilizado na transcrição dos dados tem como base as notações já utilizadas nos estudos do projeto NURC (Norma Urbana Culta) e marcações propostas no trabalho de Marcuschi (1998) e adaptado por Mira (2012, 2016). A identidade e o anonimato dos interactantes foram preservados durante todo o processo de coleta e transcrição de dados, conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por eles assinado. Esta pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), processo nº 15/191. Nas transcrições, os participantes são identificados pelas iniciais de seus nomes fictícios.

Como critério de seleção dos dados empregados neste estudo, consideramos a participação dos interactantes no segundo momento dos encontros do GA por três meses seguidos, ou seja, sua participação durante o compartilhamento de experiências e informações dos familiares das pessoas acometidas pela DA em pelo menos três encontros consecutivos do GA. A assiduidade é um dos aspectos

---

<sup>1</sup> Todos os nomes empregados neste estudo são fictícios, a fim de preservar a identidade dos participantes do Grupo de Apoio (GA).

que compõem a dimensão da incorporação da noção de contexto, conforme preconizada por Hanks (2008).

Os níveis de posicionamento propostos por Bamberg (1997) constituem o critério que norteia nossas análises. O autor propõe que as narrativas sejam analisadas pela ótica do objetivo que o narrador pretende alcançar, permitindo ao analista usar estrategicamente as noções de enredo e de linhas da história para compreender como as pessoas se projetam nas narrativas. Bamberg considera o processo de posicionamento das narrativas a partir de três níveis que podem ser expressos pelas seguintes questões:

i) Como os personagens são posicionados com relação uns aos outros dentro dos eventos narrados? Nesse nível, o analista busca evidências linguísticas da agentividade dos personagens que podem assumir os papéis de protagonistas, antagonista, vítimas ou algozes etc. Segundo Cruz e Bastos (2015), o primeiro nível permite ao analista compreender a localização dos personagens no mundo da história e o tópico da narrativa.

ii) Como o narrador se posiciona em relação à audiência? O segundo nível visa a compreender qual o motivo de a história ser contada em um determinado momento da interação e quais os efeitos que o falante pretende alcançar lançando mão da narrativa. É nesse jogo de intencionalidade que a audiência adquire o status de participante no evento discursivo em que a narrativa ocorre (BAMBERG, 2012; CRUZ; BASTOS, 2015).

iii) Como o narrador se posiciona para si mesmo? O terceiro nível tem por objetivo evidenciar os mecanismos linguísticos utilizados pelo narrador para definir sua identidade para si e para a audiência. Ao projetar-se para si mesmo e para a audiência, o narrador cria certa ordem moral que é esperada na narrativa, ou seja, quais os valores sociais ou traços de identidade que justificam a existência da história.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste artigo, analisaremos três excertos da narrativa produzida por Esther (E) quando de sua participação no GA, em junho de 2016.

Excerto 1:

- 1 E: mas eu noto que a doença está avançando...tá indo rapidinho  
2 sabe?  
3 J: [sim  
4 E: os outros sintomas assim que ele tá apresentando eu tô  
5 J: [a senhora  
6 enxerga de forma acelerada  
7 E: é  
8 J: isso a gente tende a não enxergar ou negar né?  
9 E: agora uma coisa muito boa que ele tem...é que me parece muito  
10 incomum nos... pessoas portadoras da doença é que ele reconhece que

11 está trocando ele pede "por favor não me deixa fazer fiasco sabe  
12 me repreende me diz quando estou errado me diz...eu não quero dar  
13 fiasco ah isso é para ti" olho como ele fica olho para e tem dias  
14 que ele chora muito olha "eu sou um peso" e digo ah::nada disso

Nossa análise é baseada nos níveis de posicionamento proposto por Bamberg (1997) e por Bamberg e Georgakopoulou (2008). O primeiro nível dessa metodologia de análise da narrativa observa como os personagens são posicionados dentro do universo da história. Em outras palavras, como os personagens são construídos discursivamente na história como agentes, sujeitos passivos, protagonistas, antagonistas, vítimas ou algozes. O tópico da narrativa é um dos elementos que configura o universo da narrativa e delimita a ação desempenhada pelos personagens. Por esse viés, procuramos responder em nossa análise a pergunta que Bamberg (1997, p. 337) postula como ponto norteador desse nível: "como os personagens estão posicionados em relação aos outros dentro dos eventos narrados?" Para responder a essa pergunta, identificamos algumas marcas linguísticas que foram empregadas no posicionamento dos personagens e no estabelecimento do universo narrado.

Na linha 1, Esther estabelece o tópico da narrativa, *os sintomas da DA*, a partir do relato dos sintomas vivenciados por seu marido. A centração desse tópico pode ser observada pelo conjunto referencial desencadeado no turno da linha 1 e que é desenvolvido nos turnos subsequentes. O traço da concernência do tópico é delineado pela interdependência semântica e textual dos enunciados (JUBRAN, 2006). Isso pode ser observado pelo par adjacente pergunta e resposta no segmento 1-3 e ratificado por Esther no turno da linha 4. O turno de João, nas linhas 5 e 6, é uma afirmação que influi em dois pontos: no estabelecimento do tópico discursivo e na caracterização do primeiro personagem da narrativa, o marido de Esther (Lúcio). A ação de enxergar ou negar os sintomas é evidenciada pelo marcador discursivo *né* na linha 8. É justamente a resposta a esse turno que desencadeia a narrativa.

O objeto de discurso *sintomas* é recategorizado ao longo da interação antes da narrativa. A recategorização desse referente nos fornece elementos para analisar o primeiro nível de posicionamento. As formas de remissão demonstram as diferentes formas de compreensão da DA de uma perspectiva externa para uma mais interna que tem um importante papel na caracterização do tópico e do agente da narrativa. Esse movimento de remissão a um referente antecedente revela como os falantes constroem os objetos discursivos que constituem a realidade extratextual de uma dada maneira conforme objetivos interacionais específicos (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995).

Nos turnos 1 e 5, Esther faz remissão ao referente *doença* por meio da expressão nominal definida os *outros sintomas*, que consideramos formas de retomada e categorização da DA mais impessoais e externas. Já no início de sua narrativa, Esther realiza a remissão a esse mesmo referente de forma diferente, ou seja, em uma perspectiva mais pessoal e interna no contexto da narrativa. As retomadas nas linhas 9 (*uma coisa muito boa que ele tem*) e 10 (*incomum nos...*)

*peessoas portadoras da doença*) demonstram a construção do marido de Esther como um personagem que possui características distintas e positivas em relação às outras pessoas acometidas pela DA. Bamberg e Georgakopoulou (2008) postulam que o analista deve observar como o narrador posiciona o personagem em relação a outros no mundo da história. Nesse sentido, as recategorizações dos sintomas da doença, nas linhas 9 e 10, revelam que o marido de Esther tem características distintas de outras pessoas acometidas pela DA. Apesar de nesse seguimento não haver outro personagem, o marido de Esther é posicionado como um sujeito agente (GIVON, 1995) dentro da narrativa, ou seja, dentro da realidade do Alzheimer, conforme pode ser verificado nas linhas 11-12.

A fala do marido de Esther, que é construída no segmento 11-14, representa mais do que o uso do discurso reportado direto. O questionamento de Tannen (2007) acerca do discurso reportado ilustra como a inserção da voz do outro não é somente uma mera reprodução da fala. Ao reportar a fala de outra pessoa na narrativa, o falante não expressa de forma precisa os diálogos proferidos em outro contexto, mas reconstrói a fala de uma pessoa de acordo com o contexto interacional da narrativa. Tannen (2007) argumenta que a inserção da fala considerada reportada constitui um mecanismo de construção de sentido e de criação do narrador. Nesse sentido, adotamos o conceito de *discurso construído*.

Especificamente, dentro da classificação proposta pela autora, consideramos que Esther realiza o *diálogo construído do indireto para o direto*, ou seja, alterna sequencialmente a fala indireta para a direta, conforme pode ser observado nas linhas 13-14. Esse recurso, no âmbito do excerto 1, enfatiza o referente recategorizado *uma coisa muito boa que ele tem*. Nesse segmento, o diálogo construído se configura como uma estratégia para prender a atenção da audiência e, também, para construir discursivamente quem é o marido de Esther frente aos sintomas.

#### Excerto 2:

15 J: isso não é depressão...isso é a reação normal de uma pessoa que  
16 pode ser  
17 E: [que  
18 se dá conta do seu estado né? acho acho que é...até pior eu acho  
19 pessoa se dá conta que tá definhando e:::eu sou o segundo casamento  
20 ele tem três filhos que...eu penso que não aceitaram a nossa união  
21 mas foram crianças...que quando crianças eu peguei no colo as  
22 famílias nossas eram conhecidas e a mãe deles morreu mas por  
23 questões de...de herança de de bens parte material eles ã::nn os  
24 deixaram os pais o pai vender deram a procuração...para o pai três  
25 vender imóveis são todos numa cidade da região central os filhos  
26 não precisam ninguém tem mais interesse de ficar lá coisas que às  
27 vezes...eu tinha que viajar para lá tava cuidando né? é:::pra ficar  
28 quê? com isso lá? então ele vendeu é verdade vendeu três imóveis  
29 aí quando chegou no último mais um lá eles não deixaram vender...e  
30 a mãe já tinha falecido e:::nós já estávamos juntos e aí eles  
31 não deixaram vender desde de então eles praticamente abandonaram  
32 o pai

No excerto 2, João, que é o médico neurologista do grupo, expressa sua percepção das ações do marido de Esther narradas por ela no excerto 1. A fala de João, no turno da linha 15, é uma reação da audiência ao enredo narrativo. Na sequência, Esther ajusta a narrativa ao que João categoriza como *reação normal*. Mais uma vez, a DA é recategorizada por Esther. Se antes as remissões à DA eram realizadas por itens lexicais e sintagmas mais neutros, como os *outros sintomas, doença* (linhas 1 e 2), no segmento 18-19 da interação esse objeto de discurso é reconfigurado novamente por *seu estado e definhando*. Nesse seguimento, Esther altera para a impessoalidade e não mais nominaliza ou pronominaliza o seu marido como personagem da narrativa.

O segundo nível revela como o narrador se posiciona em relação à audiência. Nesse nível, o narrador tenta direcionar a audiência para suas ações frente aos elementos ou situações complicadoras da narrativa (BAMBERG, 1997). O segmento 19-32 ilustra como Esther se relaciona com a família de seu marido. Essa relação é construída na narrativa a partir de uma condição: a não aceitação dos filhos de Lúcio em relação ao segundo casamento com Esther. A família do marido surge como um personagem antagonista no universo da história, promovendo o posicionamento de Esther. Os verbos na primeira pessoa, que expressam condição e ação, expressam esse posicionamento, conforme pode ser observado nas linhas 19, 20 e 21 (*eu sou, eu penso e eu peguei*). A situação adversa que marca discursivamente o posicionamento de Esther diante da audiência e, também, no universo da história, é a questão da herança (linha 23).

O antagonismo da família é configurado pelo contraste entre as atividades práticas desempenhadas por Esther e o abandono dos filhos. Isso fica expresso no segmento 27-29, em que há uma ocorrência de parentização tópica. A função desse parêntese no fluxo tópico é focalizar representações do papel discursivo do enunciador, bem como “caracterizando o foco enunciativo a partir do qual são perspectivados os tópicos abordados no texto” (JUBRAN, 2006, p. 340). A parentização tópica, no excerto 2, também funciona como um recurso que contextualiza interacionalmente o motivo do abandono dos filhos, a venda dos imóveis.

### Excerto 3:

39 um dia ligou e numa boa como se nada tivesse tivesse estado conosco  
 40 ontem *ah vocês estão na capital ou na praia? ah tá estou na cidade*  
 41 *vizinha tinha vontade de ver o pai não tudo bem vem quem sabe a*  
 42 *gente almoça junto... não ai que bom e tal então aí vieram almoçamos*  
 43 *juntos como se nada tivesse acontecido... e aí eu pedi pedi que o*  
 44 *marido dela ficasse né? com o Lúcio e:::coloquei ela a par ela me*  
 45 *escutou e disse “estás exagerando isso tudo que estás vendo isso*  
 46 *é normal da idade tu queres que ele tenha seu sentimento de uma*  
 47 *pessoa de trinta quarenta anos? isso é normal isso esquecer trocar*  
 48 *é normal tu tá exagerando para aí tá exagerando”*  
 49 J: e agora não sei nem o quê responder para senhora sobre essa  
 50 pessoa quem tá de fora assim a gente só consegue ensinar e fazer  
 51 crer quem tem afeto... se ela é uma filha distante que vê o pai a  
 52 cada dez anos... quando vem procurar notícias a cada três anos... em  
 53 alguns minutos de convivência ela faz um julgamento da situação do

54 pai ela não tem nada para lhe dizer para a senhora...a única coisa  
55 que a senhora pode responder...se eu tenho o direito de dizer o  
56 que tem a responder e assim...é uma pena minha...enteada né? que  
57 você não conviva mais com o seu pai pra ficar mais perto e perceber  
58 o dia a dia da doença você só vê um intervalo u::m fragmento do  
59 tempo dele...

No mundo da história, Esther se posiciona por meio do discurso construído como a segunda esposa que convive e conhece mais seu marido do que os seus enteados. De acordo com Bamberg e Georgakopoulou (2008), o nível 3 de posicionamento pretende articular o assunto da história e seus personagens (nível 1) e os ajustes que o narrador realiza em função da audiência no contexto da interação (nível 2). Nesse sentido, esse nível 3 direciona a análise para o posicionamento do narrador para si mesmo e para os discursos que estão socialmente disponíveis e que são reportados nas narrativas (CRUZ; BASTOS, 2015). Ao se reportar em outros discursos, o narrador estabelece uma relação com certa instância moral que é refletida na narrativa e busca corresponder aos valores de certo e errado de um determinado grupo. O reconhecimento desses valores constitui uma condição primordial para que um falante reconheça em suas ações, dentre elas o ato de narrar, o que é agir de maneira boa ou adequada de acordo com parâmetros sociais e institucionais (OCHS; CAPPS, 2001).

O turno de João, no segmento 49-59, sintetiza exatamente a instância moral da narrativa. No contexto de interação em grupo, a fala de João posiciona os dois principais personagens da narrativa: Esther e a família de seu marido (segmento 56-59). O discurso construído por ele é um diálogo que representa o que não foi dito. A função interacional desse recurso é inserir uma fala que não foi dita por nenhum personagem com o intuito de completar o fluxo narrativo (TANNEN, 2007).

O referente “a filha distante” (linha 51) exerce a função de um rótulo retrospectivo (FRANCIS, 2003). Tal expressão referencial definida encapsula uma extensão da narrativa de Esther, o seguimento que ilustra na história o abandono da família do marido por meio das ações da enteada. No segmento 45-48, o diálogo construído do indireto para o direto remete a um discurso comum a respeito da DA: a não aceitação da patologia pela família. Essas são algumas marcas linguístico-discursivas que nos permitem observar a articulação do nível 3 de maneira coconstruída. No contexto de interações em grupo, o posicionamento não é realizado somente pelo narrador por meio de discurso direto, mas também pelos outros falantes da audiência que imprimem na narrativa suas marcas na construção da história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso intuito nas análises empreendidas no presente trabalho foi demonstrar a contribuição que os processos referenciais podem agregar à análise do texto narrativo em uma perspectiva mais interacional como abordagem das pequenas

histórias, que considera a heterogeneidade linguística e discursiva constitutivas das narrativas. A proposta de níveis de posicionamento desenvolvida por Bamberg (1997) oferece uma possibilidade de analisar os recursos linguísticos que marcam interacionalmente o narrador, os personagens e o papel da audiência no desenvolvimento de narrativas. Dessa forma, noções de objeto de discurso e de referência podem constituir um arcabouço teórico-metodológico adequado para uma análise que congregue aspectos textuais e interativos de narrativas que são contextualizadas em uma determinada situação de fala.

Do ponto de vista textual-interativo, essas noções propiciam uma compreensão mais apurada das estratégias referenciais em contextos de uso de fala marcados por uma delimitação institucional. Acreditamos que um olhar mais preciso para o papel dos elementos textuais possa revelar como a narrativa é construída nas dinâmicas interativas de grupo, que são domínios empíricos complexos e heterogêneos, um interesse também presente no campo de estudos da narrativa oral. A abordagem das pequenas histórias enfatiza justamente uma perspectiva que toma o texto em seu contexto, ou seja, uma tendência de compreender o engajamento dos interactantes na “tarefa de coconstrução (ou construção reflexiva), influenciando e sendo influenciados pelos elementos contextuais que marcam o evento” (FLANNERY, 2010, p. 199).

Dessa forma, para a análise de textos conversacionais, especificamente as narrativas, é necessário considerar a simbiose do contexto interacional e dos processos referenciais que ocorrem no curso das interações face a face, sobretudo em grupos marcados por traços de institucionalidade e por propósitos sociais relevantes. Assim, compreender, por meio das análises das interações as experiências cotidianas dos familiares de pessoas acometidas pela DA, é uma forma de dar visibilidade à convivência e aos enfrentamentos de desafios desencadeados por uma patologia muito investigada, porém ainda sem formas de cura ou de reversão de suas formas de manifestação.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APOTHÉLOZ, D. Nominalisations, référents clandestins et anaphores atypiques. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BEGUELIN M-J. (Orgs.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel: Université de Neuchâtel. 1995, p. 143- 173.
- BALLENGER, J. F. *Self, senility, and Alzheimer’s disease in modern America: a history*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2006.
- BAMBERG, M.; GEORGAKOPOULOU. G. Small stories as a new perspective in narrative and identity analysis. *Text & Talk*. v. 28, n. 3. 2008, p. 377–396.
- BAMBERG, M. Why narrative? *Narrative Inquiry*, v. 22, n. 1. 2012, p. 202-210.
- BAMBERG, M. Positioning Between Structure and Performance. *Language and Society*. v. 25. 1997, p. 167-203.

- CARVALHO, J. A. M.; GARCIA, R. A. O envelhecimento da população brasileira: um enfoque demográfico. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, 2003, p. 725-733.
- CRUZ, C. A. G.; BASTOS, L. C. Histórias de uma obesa: a teoria dos posicionamentos e a (re) construção discursiva das identidades. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 15, n. 3, 2015 p. 367-384, set./dez.
- CRUZ, F. M. Linguagem, interação e cognição na doença de Alzheimer. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2008.
- DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. *Analyzing Narrative. Discourse and Sociolinguistic Perspectives*. New York/Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- FLANNERY, M. De “Grandes” a Pequenas Estórias: contribuições de uma nova perspectiva para a análise da narrativa. *Revista Investigações*, v. 23, N.2, p.117-142. Recife, 2010.
- FLANNERY, M. Reflexões sobre as abordagens linguísticas para o estudo da narrativa oral. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, 2011, p. 112-119, jan./mar.
- FLANNERY, M. *Uma Introdução à Análise Linguística da Narrativa Oral: Abordagens e Modelos*. Pontes Editores. Campinas, 2015.
- FRANCIS, G. Rotulação do discurso: um aspecto da coesão lexical de grupos nominais. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- GEORGAKOPOULOU, A. Small stories research: Methods, analysis, outreach. In: DE FINA, A.; GEORGAKOPOULOU, A. *The Handbook of Narrative Analysis*. Sussex: Wiley Blackwell, 2015, p. 255-271.
- GEORGAKOPOULOU, A. *Small Stories. Interactions and Identities*. Amsterdam/Philadelphia: Johns Benjamins, 2007.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- HANKS, W. O que é contexto? In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C; MACHADO, M. A. R. (Orgs.) *Língua como prática social: das relações entre língua cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008.
- IZQUIERDO, I. *Memória*, Porto Alegre: Artmed, 2002.
- JUBRAN, C. C. A. O tópico discursivo. In: JUBRAN, C.C.A. & KOCH.I.G.V. (Orgs.). *Gramática do português falado culto no Brasil: a construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, v. 1, 2006.
- KOCH, I. Como se constroem e reconstroem os objetos do discurso. *Investigações (UFPE. Impresso)*, v. 21, n.2, 2008, p. 99-114.
- KOCH, I. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- LABOV, W. Some Further Steps in Narrative Analysis. *Journal of Narrative and Life History*. v. 7, n. 1-4. 1997 p. 395-415.

- LABOV, W; WALETZKY, J. Narrative Analysis: oral versions off personal experience. In: HELM, J. (Org.). Essays on the verbal and visual arts. Seattle, WA: University of Washington Press. 1967, p.12-44.
- MARCUSCHI, L. A. Análise da Conversação. São Paulo: Ática, 1998.
- MIRA, C. Afasia e interação: uma análise da dinâmica de turnos e da gestão do tópico nas práticas conversacionais de sujeitos afásicos e não-afásicos. Tese (Doutor) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2012.
- MIRA, C. Conversação nas Afasias: Uma Análise do Tópico Discursivo e do Turno Conversacional sob a Perspectiva Textual-Interativa. Ling. (dis)curso, Tubarão, v. 16, n. 1. 2016, p. 133-152, Apr.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referênciação. In: CAVALCANTE, M. M.; BIASI-RODRIGUES, B.; CIULLA, A. (Orgs.). Referênciação. São Paulo: Contexto. 2003, p. 17-52.
- OCHS, E.; CAPPS, L. Living narrative: creating lives in everyday storytelling. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2001.
- SÉ, E. V. G. Interpretação de provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer em fase inicial. Tese (Doutorado) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2011.
- TANNEN, D. Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse. Cambridge University Press, 2.ed, 2007.
- TANNEN. D; WALLAT. C. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, B.T.; GARCEZ, P. M. Sociolinguística Interacional, 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- VERAS, R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. Revista de Saúde Pública, v. 43, n. 3. 2009, p. 548-554.

## ANEXO

## Convenções de transcrição

SINAIS	OCORRÊNCIAS	
(SI)	Incompreensão de palavras ou segmentos	Então é... olha deve ta com (SI)...deixa eu ver...
(hipótese)	Hipótese do que se ouviu	
/	Truncamento ou interrupção brusca	
Maiúscula	Entonação enfática	
:	Prolongamento de vogal e consoante (podendo aumentar de acordo com a duração)	
-	Silabação	
?	Interrogação	
...	Qualquer pausa	
(3s)	Pausas prolongadas (medidas em segundos)	
Comentários do transcritor e designações gestuais	((minúscula))	
— —	Comentários que quebram a sequência temática da exposição	
[ apontando o local onde ocorre a sobreposição	Sobreposição	
[[ apontando o local onde ocorre a simultaneidade	Simultaneidade de vozes	
... no início	Indicação de que a fala foi retomada	
“ ”	Citações literais ou leituras de textos	
* início e fim do gesto*	Indicação de gestos significativos, com a descrição de gestos.	
*-----*	Continuidade gestual	

Fonte: Marcuschi (1998); Mira (2012; 2016).

Recebido: 05/03/2017

Aceito: 11/04/2017